



DIÁLOGOS PROFANOS: UMA TRANSA ENTRE O CONTRADISPOSITIVO DE AGAMBEN E A TEORIA QUEER

Vermelho
Mestrando em Arte, Cultura e Linguagem
PPG-ACL IAD/UFJF
vermeverso@gmail.com

Resumo

Este trabalho é uma aproximação teórica que através de uma pesquisa exploratória apresenta o termo “dispositivo” em Agamben, sua genealogia em Foucault e na teologia, introduzindo os conceitos de contradispositivo e profanação. Apresenta brevemente as origens da teoria *queer* e suas relações com a obra de Foucault, Deleuze e Derrida, bem como a noção de multidão *queer* em Beatriz Preciado. Explicita melhor as relações entre sujeito, dispositivo e contradispositivo, discutindo o conceito de profanação de Agamben e propondo paralelos com as estratégias *queer*, tecendo e buscando apontar conexões e discordâncias entre as obras em estudo. E, por fim, sugere, os estudos e movimentos *queer* como o contradispositivo que busca restituir aos sujeitos a autonomia sobre seus corpos.

Palavras-chave: Contradispositivo. Profanação. Teoria Queer.

Introdução


Sendo Artivista¹, Negro e “Gay²”, ao ler a bióloga, filósofa e escritora feminista Donna Haraway e seu *Manifesto ciborgue - ciência, tecnologia e feminismo-socialista no fim do século XX* (2000), assim como a filósofa, escritora e curadora Beatriz Preciado³ e seu *Manifesto Contrassexual* (2014), estes me caíram como uma bomba no pensamento. Suas escritas irônicas e contundentes, ao mesmo tempo questionadoras e inventivas, me fizeram mergulhar no universo da assim chamada teoria *queer*.

1 Artivista é um termo contemporâneo para o artista ativista, que se situa no interior de uma relação social, engendrado num desejo de luta, comprometimento ou vocação em meio a sociedade, reconhecendo conflitos a serem enfrentado de imediato (CHAIA, 2007).

2 A palavra gay designa uma identidade homossexual masculina, que já há algum tempo não faz mais sentido em minha vida sexual e afetiva, que apesar de majoritariamente exercida com pessoas do sexo masculino, abarca transhomens, transmulheres e mulheres. Assim, hoje me designo *Queer*. Não como identidade, mas como postura diante do desejo.

3 Antes sempre identificada no feminino e lésbica como Beatriz Preciado, a autora em 2014 anunciou sua transição e a inclusão do prenome Paul. Em função de seu *Manifesto Contrassexual*, que foi escrito originalmente em 2002, e considerando sua proposta do uso de dois nomes, um masculino e outro feminino, e do histórico em que suas obras foram escritas, aqui adotaremos ora o nome Beatriz, ora o nome Paul Beatriz, mas mantendo o artigo no feminino, para facilitar sua identificação em relação ao autor Giorgio Agamben.





Tal forma de pensar a partir dos anos oitenta nos Estados Unidos passa a se constituir como uma corrente teórico-metodológica e política específica: *queer*. Segundo Silva (2015), trata-se de um termo antes usado de forma pejorativa para designar algo não natural e estranho e dirigido a gays, lésbicas, todos aqueles que se distanciavam das normas de gênero e sexualidade, ganhando espaço entre os estudos destas áreas, se diferenciando dos estudos LGBT, problematizando conceitos como subjetividade e identidade. E, apesar de heterogêneos, estes estudos podem ser vistos como tendo base na desconstrução, como forma crítica literária e social, contestando as hierarquias e construções sociais (SILVA, 2015).


Ao discutir tais ideias com outras pessoas, pesquisadores e militantes, a teoria *queer*, da qual essas autoras são precursoras, sempre era acusada de ser muito bonita e nada prática ou real, ou mesmo de ser prejudicial às lutas atuais, principalmente ao feminismo. Isso me deixava mais angustiado, levantando perguntas sobre como promover diálogos para que nossos movimentos e as pessoas possam se familiarizar com os conceitos e potencialidades desse paradigma proposto. Por isso, decidi me aprofundar na teoria *queer*, visando contribuir para seus estudos e práticas no país. Assim, vindo das artes e de um olhar transdisciplinar de formação, fui em busca de pontes teóricas capazes de melhorar nossa maneira de vê-la e pensar suas implicações que resultaram neste trabalho de conclusão de curso realizado na Especialização em Gênero, Sexualidade e Direitos Humanos – ESPN/FIOCRUZ, apresentado e aprovado com nota máxima no programa.

Objetivos e Metodologia

Objetivo aqui foi apresentar os conceitos de dispositivo e de profanação de Agamben, apresentando possíveis conexões com a Teoria *Queer*.

Para isso, tomo como metodologia uma pesquisa exploratória, propondo um estudo teórico dos conceitos de dispositivo e profanação na obra de Giorgio Agamben, relacionando-os com a noção de Multidão *Queer* proposto por Beatriz Preciado, elegendo como marcos teóricos as obras *O que é o Contemporâneo* (2009) e *Profanações* (2007), de Agamben, e o artigo *Multidões Queer: Notas para uma política dos “anormais”* (2011), de Preciado. Tais obras foram escolhidas primeiramente por sua reconhecida relevância teórica. Além deste fato, as duas obras de Agamben tratam especificamente dos dois conceitos aqui investigados, tendo ambas capítulos exclusivos dedicados aos temas, notadamente *O que é o dispositivo?* (AGAMBEN, 2009, p. 25) e *Elogio da Profanação* (AGAMBEN, 2007, p. 57). A escolha do artigo de Beatriz Preciado também se deu por ser a obra que traz a noção de Multidão *Queer* proposta pela autora, além de tratar da formação dos movimentos e das teorias *queer*, da





utilização política que fazem de Foucault (que é o principal elo teórico por mim proposto) e da relação com outros movimentos, principalmente os feminismos (PRECIADO, 2011).

O trabalho realizou uma aproximação teórica que do conceito de dispositivo, abordando sua genealogia e definição em Agamben, suas origens em Michel Foucault e na religião. Introduzindo os conceitos de contradispositivo e profanação. Apresenta brevemente as origens da teoria *queer* e suas relações com a obra de Foucault, Deleuze e Derrida, bem como a noção de multidão *queer* em Beatriz Preciado. Explicita melhor as relações entre sujeito, dispositivo e contradispositivo, discutindo o conceito de profanação de Agamben e propondo paralelos com as estratégias *queer*, tecendo cada capítulo buscando apontar conexões e discordâncias entre as obras em estudo. E, por fim, registra minhas considerações finais.

O dispositivo e a profanação


Em suas investigações, Agamben chega até a Igreja entre o segundo e sexto séculos, para quem o termo em grego significa a administração do *oikos*, da casa, e, mais geralmente gestão, desempenhou um papel decisivo. Naquele momento, os padres precisaram introduzir o conceito de uma “economia divina” para tratar de uma questão vital: a Trindade, para tratar da relação entre Pai, Filho e Espírito Santo, sem abrir espaço para o entendimento politeísta do período.

Ao fazer a tradução do termo *oikonomia*, os teólogos latinos usaram o termo *Dispositio*. Isto feito, o termo latino de onde deriva nosso termo dispositivo viria para assumir toda complexidade semântica que o termo *oikonomia* trazia da teologia. Termo que, segundo ele, fratura e articula Deus ser e práxis, a natureza ou essência e a operação do mundo das criaturas. E, ao nomear aquilo que realiza uma atividade de governo sem fundamento no ser, os dispositivos implicariam sempre num processo de subjetivação, ou seja, de produzir um sujeito.

Propondo dois grandes grupos, seres vivos e dispositivos, Agamben, define o dispositivo como tudo aquilo que de algum modo captura, orienta, determina, intercepta, modela, controla e assegura gestos, condutas, opiniões e discursos dos seres vivos e os sujeitos como resultado dessa relação. Na obra de nosso autor, os sujeitos são o que resulta dessa relação, surgem justamente desse “corpo a corpo” (AGAMBEN, 2009, p. 41) entre as outras duas categorias.

De outro lado se “os teóricos *queer* compreendem a sexualidade como um dispositivo histórico do poder” (MISKOLCI, 2009, p. 154) e gênero como “o conjunto de dispositivos





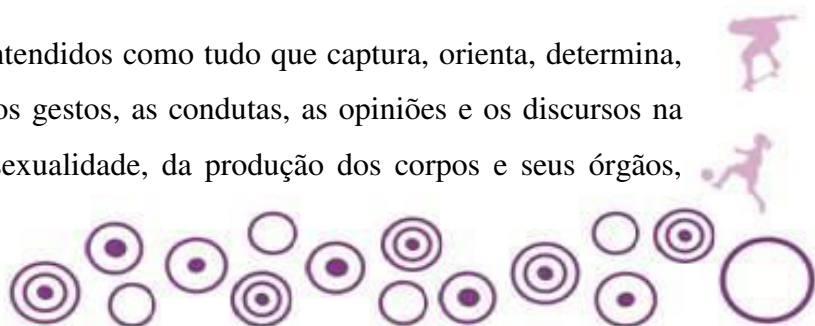
sexopolíticos” (PRECIADO, 2011, p. 13), ambos os processos de produção de sujeitos na sociedade nos interessam para pensar não só os sujeitos das minorias sexuais, os anormais, que tem por nome *queer* (PRECIADO, 2011), mas todos os sujeitos formados pelos mesmos dispositivos. Seguindo este caminho, como advertido pelo próprio Agamben, o corpo a corpo com os dispositivos não é simples, exigindo uma estratégia ainda mais complexa, “já que se trata de liberar o que foi capturado e separado por meio dos dispositivos e restituí-los a um possível uso comum” (AGAMBEN, 2009, p. 44). E, nessa perspectiva, ele apresenta outro conceito retirado da religião e do direito, que para ele, não apenas em Roma, está estreitamente conectado ao dispositivo. Trata-se da profanação.


Para a genealogia deste termo, busca no direito Romano, onde sagradas ou religiosas eram as coisas que pertenciam aos deuses e eram retiradas do livre uso e do comércio, “não podiam ser vendidas, nem penhoradas, cedidas ao usufruto ou gravadas em servidão” (AGAMBEN, 2007, p.58). E qualquer ato que violasse ou transgredisse tal condição era sacrilégio.

Assim, o autor define a religião como aquilo que subtrai coisas (lugares, animais, pessoas) do livre uso, transferindo para uma esfera separada. Não havendo, a seu ver, religião sem essa separação, como também toda separação conteria ou conservaria algo de religioso, sendo o sacrifício o dispositivo que realiza e ao mesmo tempo regula tal cisão. Em diversas culturas, uma série de “minuciosos” rituais, sancionariam e executariam tal passagem da esfera humana à divina. No entanto, o rito também permite o retorno do sagrado ao profano (AGAMBEN, 2009).

Desta forma, celulares, facebook, músicas, etc., criam através de seus usos e consumos uma captura, uma influência em nossos seres viventes, que somos levados a internalizar. Diferente de instituições clássicas de poder como a escola, departamentos de governo, agora mascarados em nossos processos de identidade pessoal, suas separações são docilmente aceitas como parte de nossas “essências”, como “parte de nós”. Trazendo para sexopolítica, os indivíduos são “livres” para serem mulheres, homens, héteros. Para praticar sua sexualidade “livremente”, sem se dar conta, segundo os dispositivos, segundo os poderes-saberes biomédicos e psiquiátricos, se subjetivando pela norma, sendo ou buscando ser congruentes com a ordem, como uma busca para o bem, para o que é (levado e construído para aceitar como e crer) natural.

Os dispositivos *straight*, agora entendidos como tudo que captura, orienta, determina, intercepta, modela, controla e assegura os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos na produção da identidade de gênero, da sexualidade, da produção dos corpos e seus órgãos,





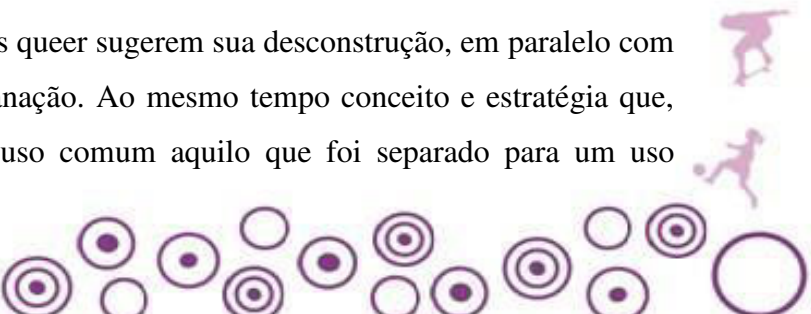
sexuais e reprodutores, criam “um capitalismo sexual e o sexo do capitalismo” (PRECIADO, 2011, p. 12).


Todos estes movimentos e seus vários sujeitos fragmentaram a idéia de um sujeito único, justapondo e alargando possibilidades de “ser”. A sexopolítica entendida como esse corpo a corpo, entre seres viventes e dispositivos, que na ordem social vai criando um grande corpo de anormais, que se num primeiro momento estão vítimas da suplementaridade, como exceções à norma, passam a ganhar subjetividade. “As minorias sexuais tornam-se multidões. O monstro sexual que tem por nome multidão, torna-se *queer*” (PRECIADO, 2011, p. 14). E se, para Agamben (2009), os corpos das sociedades contemporâneas são dóceis e frágeis diante da proliferação de dispositivos, para Preciado (2011) é justamente os corpos da multidão *queer* – que abjetos, que colocados à margem pela própria norma – são obrigados a resistir ao processo de normalização.

No caminho da profanação, se retorna à genealogia da palavra religião, *religio*, que para o autor é de modo insípido e inexato, atribuída etimologicamente a *religare* (o que liga e une o humano e o divino). Na verdade, *religio* derivaria de *relegere* (que indica a atitude de escrúpulo e de atenção que deve caracterizar as relações com os deuses). Que, por sua vez, viria da atribuição de uma “inquieta hesitação” perante as formas e as fórmulas que devem ser observadas e mantidas para o respeito da separação entre o sagrado e o profano (AGAMBEN, 2007, p. 61). Dessa forma, “*religio* não é o que une homens e deuses, mas aquilo que cuida para que se mantenham distintos” (AGAMBEN, 2007, p. 61), a religião não seria uma oposição a uma incredulidade e a uma indiferença em relação aos deuses e ao divino, mas oposição a uma “negligência”, uma atitude livre e “distraída” e assim desvinculada da *religio* das normas (AGAMBEN, 2007, p. 61). Dito de outra forma, “profanar significa abrir a possibilidade de uma forma especial de negligência, que ignora a separação, ou melhor, faz dela um uso particular” (AGAMBEN, 2007, p.59). E para a relação com dispositivos, apresenta o contradispositivo: a profanação. Conceito que, também trazido da religião, restitui ao uso comum aquilo que foi separado para um uso definido, sagrado. Estratégia que o autor afirma coletiva. Coletiva como a noção de Multidão *Queer* de Preciado que, ao jogar com as categorias, suas tecnologias, performances e linguagem, desativam os usos naturalizados.

Considerações

Diante de ais processos, os estudos queer sugerem sua desconstrução, em paralelo com o contradispositivo de Agamben: a profanação. Ao mesmo tempo conceito e estratégia que, também trazido da religião, restitui ao uso comum aquilo que foi separado para um uso



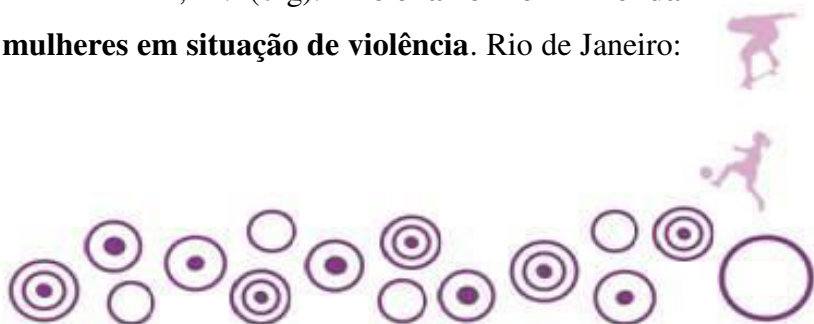


definido, sagrado. Estratégia que o autor afirma coletiva como a noção de Multidão *Queer* de Preciado, que não privilegia identidades, mas a justaposição das diferenças. Nessa perspectiva a desontologização dos sujeitos políticos, proposta pelos estudos e movimentos *queer*, podem ser observados como o jogo profanatório, que ao desconstruir e jogar com as categorias, suas tecnologias, performances e linguagem, desativa os usos naturalizados, libertando os corpos(seres vivos) como proposto pelo autor. Gênero e sexualidade percebidos não mais como categorias naturais frutos de uma essência, mas dispositivos, que capturam e mascaram ontologicamente seus efeitos. E a partir das análises das obras e dos conceitos proponho uma leitura da teoria queer como um contradispositivo, seus estudos e movimentos como profanadores de ordem social e histórica.

O diálogo aqui proposto permite perceber no *queer*, assim como atribuir ao ser vivo, um contradispositivo, que lhe permita um novo sujeito, não além dos dispositivos ontológicos, mas que se reapropria por dentro do dispositivo de gênero, escapando ao essencialismo, desterritorializando atribuições, papéis, discursos e práticas atribuídas ao ser “mulher” ou “homem”, da complementaridade hetero/homo. Ao se dizer *queer*, o sujeito (e falo aqui de subjetividade e não de identidade) não se retira do corpo a corpo com os dispositivos, a materialidade e a ordem posta, mas justamente suspende o processo de identificação.

Referências

- AGAMBEN, G. **O que é o Contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó, 2009.
- AGAMBEN, G. **Profanações**. São Paulo: Editora Boitempo, 2007.
- CHAIA, M. Artivismo: Política e Arte hoje. **Revista Aurora**, São Paulo: nº 1, 2007, p. 9-11.
- HARAWAY, D. J. Manifesto Ciborgue: Ciência, Tecnologia e Feminismo-socialista no final do século XX. **Antropologia do Ciborgue, as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000, p. 33 – 118.
- MISKOLCI, R. A Teoria *Queer* e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias** [online], Porto Alegre: 2009, n.21, p.150-182.
- PRECIADO, B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.
- PRECIADO, B. Multidões *queer*: notas para uma política dos "anormais". **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis: 19(1), 2011, p. 11-20.
- SILVA, V. L. M. Queer. In: FLEURY-TEIXEIRA, E. (org). **Dicionário Feminino da Infâmia: acolhimento e diagnóstico de mulheres em situação de violência**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2015, p. 299-300.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas Aguiar
Diagramação: Thomas Aguiar

